

Relato de Experiência

Estado de Graça

Cristiane Prudenciano de Souza

cprudenciano@gmail.com

Centro de Estudos Parque Caucaia

Interesse desse relato

Esse relato parte do interesse em sintetizar uma experiência vivida após a decisão do tema de investigação sobre o tema da Devoção. Durante meses após a entrega da ascese, me perguntava como prosseguir o trabalho interno, desde a perspectiva do tema que poderia aprofundar no processo investigativo. Apesar de assuntos recorrentes se apresentarem em minha mente, eu não tinha clareza como avançar neles. Sempre surgia uma construção mental complexa, rígida e exigente, impossibilitando qualquer evolução de qualquer tema.

Percebi que o mais profundo pode estar no que é simples, que todo interesse tem um início e que tomar contato com esse início, por si só, pode alterar a lógica de pensamentos cristalizados e enrijecidos, contribuindo com a queda de crenças que impedem o registro de perceber-se em ascensão.

Esse relato parte a tentativa de integrar essa experiência de contato com um estado diferente, que chamo de “Estado de Graça”. Através da síntese dessa experiência, busquei resgatar outros momentos em que tive o mesmo registro, agrupando maiores elementos intangíveis para seguir no processo de aprofundamento interno.

Em relação à temporalidade desse relato, as experiências que me refiro correspondem ao meu primeiro contato com o registro de estar agraciada, aos 07 anos de idade, no ano de 1981. Resgato os desdobramentos desse registro na infância e vida adulta, assim como a negação dele. Posteriormente, relato meu regresso ao mesmo local onde tive a primeira experiência, no ano de 2015, com 40 anos e os desdobramentos da experiência que envolve o retorno ao principio de tudo.

O início – Tudo tem um começo.

“Naquele simples pedido há também uma meditação que se orienta para a própria vida. E esse pedido e essa meditação irão ganhando mais força por forma a transformar as situações quotidianas. Avançando desse modo, talvez um dia captes um sinal”¹

Após a definição de um dos temas que gostaria de investigar, passaram-se várias semanas nas quais ficava muito tempo me perguntando por onde começar, desde onde começar, talvez por textos inspiradores, talvez por meditações desde a Mensagem de Silo, talvez por uma experiência de ofício bem aprofundada. Por onde se começa uma investigação?.

Recorri a uma amiga que já tinha feito monografias e comentei que o tema da Devoção era o que eu tinha interesse e perguntei: por onde começar?. Sua resposta me caiu como uma provocação: “Essa é uma boa pergunta” e depois houve um silêncio e nenhuma outra dica foi apresentada... Após dias me sondando a pergunta e com milhares de dúvidas a partir da resposta inusitada, comecei a realizar a prática do pedido todos os dias, pedindo por onde começar. Era um procedimento metódico, todos os dias pela manhã, após acordar pedia ao meu guia por onde começar meu tema investigativo.

Passaram mais algumas semanas, até que recebi uma frase suave, como que soprada pelo vento, que cruzou meu pensamento com a força de um raio: “Tudo tem um começo”. Registrei a frase como um sinal.

Apesar de parecer evidente e simples, para mim foi uma revelação interior. Comecei a perguntar-me repetidas vezes quando foi que comecei a me interessar pelo tema da devoção e foram vindo imagens antigas de como gostava de observar pessoas de distintas crenças no ato da religiosidade.

Várias imagens me surgiram, como as pessoas que faziam seus pedidos para uma imagem considerada santa dentro de uma igreja, ora se dirigindo aos céus numa súplica, ora comovidas agradecendo uma graça alcançada. Também surgiram

¹ Trecho das palavras de Silo na Inauguração da Sala Sul Americana em La Reja, Argentina, em 07 de maio de 2005.

imagens do candomblé e a devoção daquele que espera a chegada do orixá, oferecendo seu corpo para o transe e manifestação da entidade. Também o culto da umbanda quando se ouve respeitosamente os conselhos das entidades incorporadas. Assim como o louvor evangélico, o canto carismático dos católicos, pajelança dos índios...e as incontáveis manifestações de religiosidade. Provavelmente, devido a paisagem brasileira, essas imagens todas iam e vinham, como uma dança cheia de harmonia e sincretismo. Todo sentimento devocional presente nesses hitos sempre foram motivo de fascínio, comoção e admiração em minha caminhada existencial.

Continuei aprofundando na frase soprada pelo vento ou pelo guia: “Tudo tem um começo”. Fiquei meditando sobre esses hitos, esses momentos e encontros que sempre foram me tocando, sensibilizando, comocionando durante a vida e as incontáveis vezes persegui tais registros. Mas onde começou, afinal tudo tem um começo!.

Após mais um dia de pedido, ao voltar para casa depois de um dia de trabalho, recordei que aos 07 anos de idade tive o primeiro registro com a devoção, através de um cântico. Foi em uma igreja. Meus tios eram católicos praticantes e me levaram a missa dominical. Estava morando com eles, pois minha família tinha mudado para uma cidade do interior de São Paulo, para que eu não repetisse o ano escolar deixaram-me morando com meus tios. Meus pais eram católicos não praticantes, e não tenho na memória nenhuma visita com eles ou outros parentes a igreja, até aquele domingo.

Naquele domingo fomos à igreja, lembro-me que tínhamos que subir uma rua em aclive, o que foi penoso. Chegando lá, me recordo que o teto da igreja era alto e tinha várias imagens que me distraíam, os vitrais eram coloridos e as imagens dos santos estavam em seus altares. A imagem que mais me atraiu foi a da virgem Maria, mãe de Jesus. A missa transcorria e eu me lembro que, apesar da novidade em participar daquele ritual, tudo me aborrecia. Havia várias práticas: ajoelhar, levantar, repetir palavras e ficava meio perdida, não sabia como me comportar. Porém, veio o momento do cântico e a uma música ressonava na igreja. E começou um estado de comoção, algo impactante que nunca senti.

Me lembro do registro interno de presença, como se uma presença estivesse ao meu lado, mas dentro do meu corpo. Me sentia forte e segura, protegida por essa presença. O cântico reverberava na igreja que me pareria muito alta e o altar parecia emanava luz. E a luminosidade também estava em mim, era um estado de muita luz, era um **Estado de Graça**. Ao mesmo tempo que eu estava ali muito próxima ao altar eu me sentia conectada a outro lugar muito mais amplo. Era o primeiro registro dessa presença, dessa força e conexão. Recordo que fechei os olhos e fiquei sentindo aquilo que estava me passando. O cântico acabou, a experiência foi breve se mensurada em minutos, mas o registro ficou guardado na memória e no corpo. Nunca esqueci aquele registro.

Desde uma mirada da idade adulta, olhando para esse passado, registro como aquele período como uma fase difícil da infância, devido ao fato de ficar longe dos pais. Curiosamente esse fato não me apacereu nos trabalhos de autoconhecimento ou de biografia. Porém ao lembrar do fato, foi possível fazer a conexão com climas e posturas condutuais a partir daquela experiência.

Resgatar esse momento em que me deparei com o estado de graça e entrega, me permitiu rememorar os anos posteriores, em que busquei com persistência tomar contato novamente com aquela experiência. Lembro-me que cada vez que mudei de cidade, viajei ou conheci um local novo sempre procurava uma igreja, um templo, um terreiro. Era um clamor interno. Ia nos lugares escondendo dos meus pais. Depois de um tempo eles descobriram essa busca e temiam que eu fosse embora com alguma “seita”, tamanho era o impulso de conhecer religiões e religiosidades.

Esse processo de busca do registro durou muitos anos, acredito que até os 21 anos ele foi intenso e permanente. Tive algumas experiências, mas o registro era fragmentado e com o avanço da reprovação familiar por esse caminho, optei por parar de procurar. Dos 21 aos 25 anos vivenciei a negação desse impulso de busca e do clamor interno pela experiência. Coincidentemente foi um período de muitos problemas pessoais, de estar centrada na necessidade do mundo externo e negar os sinais presentes nos sonhos, no cotidiano e nas relações contraditórias que construí.

No ápice do caminho do sem sentido, vivenciei situações de violência, posteriormente de fracasso e quedas de crenças. Busquei, por necessidade, o contato com a religiosidade interior, com a prece e com o mundo espiritual. Um tempo depois, em 2001, com 26 anos, quis ser voluntária de algum projeto social e conheci o Movimento Humanista. E durante uma experiência de Força tive o mesmo registro de 19 anos antes. Senti a mesma presença, força e conexão. Aquele registro que eu tanto busquei finalmente tinha encontrado. A presença, com o passar das práticas dos trabalhos pessoais, descobri que era o guia interno. A conexão se revelou, nos momentos que estou em contato com a Força Interna e fundida no Sagrado e ao Todo. E a Força foi crescendo a medida do aprofundamento da verdade tríplice, ou seja, a coerência interna. E foi se debilitando a medida que me afasto da verdade interna.

A partir do sopro do vento que me trouxe a frase: “Tudo tem um começo” e a prática diária do pedido, esse caminho percorrido me foi desvelado e presenteado. Com um profundo agradecimento tomei a resolução de visitar novamente aquela igreja, que por sorte ainda existe e fica na zona sul da cidade de São Paulo, no bairro de Santo Amaro. Essa é a segunda parte do relato.

A Experiência – Tudo tem um por quê?

“Esse sinal na tua consciência é a tradução em imagens do que não tem imagens, é o contato com o Profundo da mente humana, uma profundidade insondável onde o espaço é infinito e o tempo eterno.”²

Após a revelação interior do primeiro momento de minha biografia que tomei contato com força, decidi ir ao local em que tudo começou. Fui rumo a zona sul da cidade e fui na Igreja. Saí cedo de casa mas chegando lá, a surpresa: estava em reforma. Estava fechada. Fiquei perplexa e logo quis ir embora. Mas uma voz interna me dizia para permanecer e esperar. E eu esperei por quase uma hora que alguma pessoa chegasse e abrisse a igreja. E ela chegou, uma senhora de aproximadamente 70 anos se aproximou da igreja, abrindo a porta lateral. Fiquei esperando ela sair e quando saiu perguntei a ela se podia entrar. Ela tinha um olhar amistoso, me disse que não era permitido entrar, mas que o padre costumava realizar a reunião às 16h. Perguntei se eu podia esperar, ela me olhando estranhamente disse que sim. Minutos depois ela fechou a porta lateral e foi embora.

Eu esperei 6 horas. Passei pelo entorno, almocei, visitei o comércio local e voltei pontualmente as 16h. O padre não foi pontual, somente as 16h30 começaram a chegar pessoas, umas 06 pessoas no total e depois de um tempo ele chegou. Cumprimentou as pessoas, me olhou e disse não me conhecia. Eu expliquei que gostaria de ver a igreja por dentro, ele replicou que estava em reforma e que apenas reuniões eram realizadas ali. À essa altura, eu estava sem muita paciência de explicar que esperei horas e que ia entrar de qualquer maneira. Respirei fundo e disse que precisava entrar na igreja para pagar uma promessa. Ele aceitou e entramos por uma porta lateral.

Sentei do lado esquerdo dos bancos e o grupo do lado direito. Eles começaram a conversar e me desconectei de suas vozes. Me concentrei no propósito daquela visita. Deixei passar toda a inquietação interna da espera e fixei meu olhar para o altar. A iluminação do altar não estava completa com todas as luzes acesas, mas era possível vê-lo bem. Me fixei nos adornos, nas imagens de santos, nos candelabros, nas luminárias, olhava tudo com atenção. E... nada.

² Trecho das palavras de Silo na Inauguração da Sala Sul Americana em La Reja, Argentina, em 07 de maio de 2005.

Completamente nada. Absolutamente nada. Não senti nada e não me recordei de coisa alguma. Tudo parecia tão distante do que eu tinha na memória; as cores, os vitrais, as pinturas... só os bancos me pareciam iguais.

Fiquei frustrada pela espera, pelo cansaço, pela expectativa, pela falta de registro e pronta para sair dali e voltar para casa. Minha cabeça racionalizava o tempo perdido que aquela idéia de voltar à igreja tinha me proporcionado e os climas da infância vivida longe da família e naquele bairro começavam a crescer.

Talvez por inquietação interna, olhei para o meu lado esquerdo e me dei conta de um andaime. Devia estar ali para reformar os vitrais, pensei. A parte lateral tinha a iluminação mais reduzida mais era possível ver os detalhes dos vitrais. Também não lembrava daqueles vitrais. Foi quando fui tomada por uma vontade de olhar para trás da igreja e me dei conta que a reforma não tinha sido feita naquela parte. Me levantei, dei alguns passos para a direção da porta principal da igreja e comecei a olhar.

Reconheci cada detalhe daquela parte, as pinturas do teto, as imagens, as cores e a medida desse reconhecimento, entrei em estado de uma grande comoção. Sentei num banco daquela parte sem reforma da igreja e realizei uma experiência de força. E na parte das “lembranças e emoções positivas”³ me visualizei novamente criança, com 07 anos, naquele tempo onde toda minha busca existencial e espiritual começou. Lembrei do registro de esperança e alento que aquele lugar me proporcionou. Recordei o estado maravilhado que registrei, o estado de agraciamento, o **Estado de Graça**. Experimentei novamente naquela igreja, após longos anos, o mesmo registro da força interna. Me emocionei e agradei ao meu interior.

Quando a prática terminou, enxuguei meus olhos marejados de lágrimas e olhei para o chão. Em um primeiro momento de maneira desfocada vi um símbolo no piso e depois com mais precisão e nitidez⁴. Olhei para os detalhes do piso, formas geométricas com um círculo e quatro entradas, parecido com o símbolo da Escola e da Sala de Meditação vista de cima. Comecei a rir, estaria tudo escrito?.

³ Palavras da Cerimônia de Ofício do Livro A Mensagem de Silo.

⁴ Fotos no final do relato.

Mas não tive muito tempo para me alongar na reflexão, a reunião das pessoas com padre terminou e tínhamos que sair. A mesma senhora que tinha conversado comigo pela manhã me perguntou sobre a promessa fui pagar. Eu disse que minha tia frequentava a igreja e eu frequentei algumas missas com ela quando pequena, que fui agradecer. Ela me perguntou o nome da minha tia e depois que respondi, ela me disse que a conhecia, que contribuiu muito para as ações daquela igreja e lamentou sua morte. O padre, que ouvia o nosso diálogo sem nada dizer, se manifestou, disse que precisava fechar a igreja.

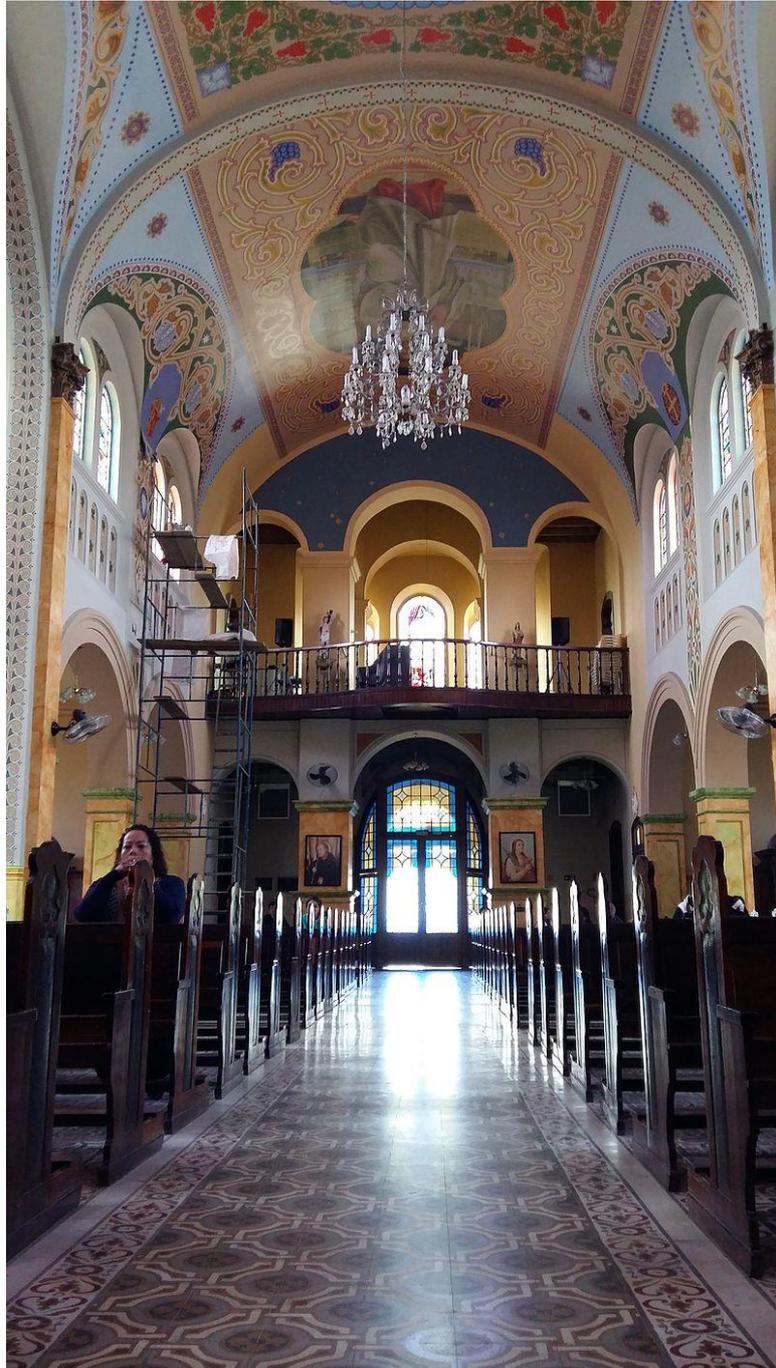
Ao sair da igreja e da experiência daquele dia, compreendi alguns pontos da minha biografia. O que eu registrava como mazelas da infância, de período mais triste e solitário, contraditoriamente me levaram ao registro do **Estado de Graça**, da Força Interna e a conexão com o Todo. Tal compreensão concedeu um processo de reconciliação profunda com a minha existência. A experiência vivida na infância e naquele dia dentro dessa igreja direcionou minha vida. Sem essa experiência, e sem os acontecimentos que a antecederam, registrei a convicção de que eu não seria quem sou hoje. A voz alentadora - o sopro do vento - que sempre me acompanhou nos momentos de dúvida, aflição e sofrimento foram a manifestação do Guia Interno durante todos esses anos.

Tudo isso me fez pensar, existe Destino?.

FOTOS



Catedral de Santo Amaro



Interior da Igreja



Detalhe do piso da Igreja